

A Ética Racionalista de Antônio Sérgio e Raul Proença

Prof^ª. Dr.^ª. Romana Valente Pinho
(Universidade de Lisboa - CFUL – Lisboa – Portugal)
romavalente@hotmail.com

Resumo: *A Ética Racionalista de Antônio Sérgio e Raul Proença* é um estudo que se debruça sobre o primado ético que os dois filósofos defendem na suas obras. Apesar da afinidade racionalista e democrática, cada um dos autores segue um caminho diferente. Antônio Sérgio considera o estoicismo, o Cristianismo, e recusa o personalismo enquanto Raul Proença preza a teoria personalista e os preceitos de Nietzsche sobre a ética e a moralidade. No fundo, visa-se discutir o substrato ético das suas teorias sociais e políticas.

Palavras-chave: Antônio Sérgio; Raul Proença; Racionalismo; Ética; Democracia.

1. Considerações iniciais

Os pensamentos dos filósofos portugueses Antônio Sérgio (1883-1969) e Raul Proença (1884-1942) costumam ser associados não só porque ambos eram incondicionais amigos, mas, também, porque tanto um como o outro se inscreviam numa corrente racionalista cujo objetivo era, num plano fundamental, o primado da ética e da estética e, num plano secundário, o primado social e político. Nesse sentido, os dois defendiam uma ética racionalista que se apoiava no estoicismo e no democratismo. Contudo, não se devem relacionar em absoluto, já que Sérgio, por exemplo, faz a apologia do cristianismo e do despersonalismo, e Proença, devido à profunda inspiração que recebia da doutrina nietzschiana¹, não o poderia fazer. Pelo menos não o poderia fazer como o seu amigo o fazia.

Antônio Sérgio, entusiasmado seguidor do neocriticismo, tanto daquele de pendor formal professado pelas escolas de Marburgo e de Baden, como do outro, de natureza espiritualista, aprofundado pela escola francesa, faz a apologia de uma sociedade racional que tem como principais pilares a ética e a estética e se manifesta política e socialmente através da Democracia. Tal racionalismo tinha como fundamentais pressupostos a superação do materialismo dialético; a ênfase da disciplina crítica; a construção do idealismo gnosiológico; a introdução de uma pedagogia ativa; o ensino de uma história natural de inteligência efetiva; a reclamação de planificações

¹ Embora Antônio Sérgio também admirasse o pensamento de Friedrich Nietzsche – chamava-o até de “nosso maluco” –, não se deixava, porém, inspirar tanto por ele como o fazia Raul Proença. SÉRGIO, Antônio. *Correspondência para Raul Proença*. Organização e introdução de José Carlos Gonzalez. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional, 1987, pp. 140-141: “Dos volumes de que precisa só possuo o *Zarathustra* que lhe envio. A edição que existe na Biblioteca da Universidade de Genebra, e de que me tenho servido, é de 1910/3. Não vi nela parte, parágrafo, ou nota com o título: *Die Wiederkunft des Gleichens*, se bem que tenho ideia de haver encontrado em Nietzsche, já não sei quando nem onde, esta expressão em laia de título. Há sim no vol. XII da Biblioteca uma parte intitulada *Die Ewige Wiederkunft* (póstuma): é o plano da doutrina que o nosso maluco depois desenvolveu (18 páginas, 42 parágrafos)”.

econômicas; o incentivo do cooperativismo integral; e o treino do “filosofar” em vez do ensino da história da filosofia.

2. A ética racionalista

Em 1926, num artigo intitulado *Aos Jovens “Seareiros” de Coimbra, Sobre a Maneira de Lidar com os inimigos da Luz e da Razão*, no qual explana os principais objetivos da Revista *Seara Nova* (fundada em 1921 pelos seus companheiros Raul Proença, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro, entre outros), Antônio Sérgio profere o seguinte:

Não somos um partido de intriga política: somos um apostolado de renovação do espírito, de regeneração mental da nossa Grei. Temos de pensar, por isso mesmo, *sub specie aeternitatis*, e não nos efeitos imediatos das nossas palavras e dos nossos atos, mas nos longínquos, nos permanentes, nos radicais. § Em política, que deseja a *Seara*? A democracia. Mas a base da democracia é a *virtude*, como já afirmava Montesquieu; isto é: a moralidade cívica de todos nós. Antes de ser um regime político, é a democracia uma atitude moral; e a maneira de fazer democracia não é diretamente pela política, mas indiretamente pelos costumes².

Na medida em que não se constitui enquanto ambição política, é essencialmente uma atitude moral, a Democracia corresponde à ideia do autodomínio, da disciplina interna e da política do Espírito. E, nesse aspecto, a sua proposta não deixa de revelar afinidades fortíssimas com os pensamentos éticos de Platão, Kant e Antero de Quental. No seu ponto de vista, e seguindo os seus mestres, Sérgio está convicto de que tanto a tarefa da Filosofia em geral, como a reflexão do filósofo em particular são fundamentais para a edificação de uma sociedade racional. É porque o homem exerce o talento da Razão que o conhecimento humano se torna mais claro. No fim de contas, é na medida em que o homem é um ser racional, ou seja, um legislador da sua própria razão, que o seu fim último só pode ser a moralidade, só pode ser a ascensão do Bem.

A fundação da Democracia depende muito mais da afloração da autoridade interna do sujeito (dos cidadãos em geral e, conseqüentemente, dos homens públicos) do que do exercício do poder externo. Trata-se, no fim de contas, muito mais de uma revolução moral, de uma reforma mental do que de uma transformação política e exterior. A esse propósito, lembra Sérgio que “a causa da imoralidade dos homens públicos é a imoralidade cívica dos cidadãos, e povo algum entre os mal governados se pode queixar dos seus governantes, pois são os povos, afinal de contas, quem os

2 *Idem*. Cartas Leves sobre Temas Graves – Aos Jovens “Seareiros” de Coimbra, Sobre a Maneira de Lidar com os Inimigos da Luz e da Razão. *Seara Nova* – Semanário de Doutrina e Crítica. Lisboa, ano V, n.º 87, 13 de maio de 1926, p. 292.

seleciona e quem os faz”³. É, pois, o sentido e o dever de moralidade que deve orientar os indivíduos na sua conduta social, na sua perspectiva democrática. Guiando-se por Proudhon, o ensaísta chega a formular, a esse respeito, que “Democracia é demopédia” (Democracia é educação do povo). E a melhor maneira de a praticar e de a incentivar é pregar com o nosso exemplo e com a nossa paciência. No fundo, é procedermos bem⁴, sermos paradigmas morais e não perdemos de vista o Bem Comum: “As nossas pessoas não importam nada: importa somente o bem comum”⁵. Por esse motivo, apela aos portugueses que adiram, democraticamente, ao despersonalismo, ao cristianismo e ao estoicismo⁶.

A defesa do neocriticismo levava Antônio Sérgio a compreender naturalmente o despersonalismo. O que estava em causa, afinal, era a relativização da subjetividade e do subjetivismo de uma forma empírica, biológica e individual e o enaltecimento idealista de uma subjetividade espiritual, original, absoluta e universal que revelava o “princípio da unidade do nosso ser e do Mundo, da nossa pessoa e dos outros”⁷. Na concepção sergiana, o despersonalismo dava um passo em frente no sentido da moralidade e da ciência; da negação do empirismo; e da afirmação do espiritualismo.

Apesar de se considerar um *a-religioso*⁸, Antônio Sérgio defendia o cristianismo de um ponto de vista ético. Em termos pessoais, intencionava até transformar-se num bom cristão. Afinal, e embora nunca tivesse sido católico⁹, o cristianismo fascinava-o pela natureza elevada dos seus

3 *Ibidem*, p. 292.

4 *Ibidem*, p. 293: “Proceder mal significa, no nosso caso, proceder antidemocraticamente”.

5 *Ibidem*, p. 293.

6 *Ibidem*, p. 293: “Não sereis democratas verdadeiros se vos não despiddes inteiramente da menor sombra de personalismo, se não olhardes com calmo ânimo para as pequenezas dos que vos atacam, sem sombra de desprezo nem asco algum, mas com caridade e a sorrir. Cristãos se dizem os que vos querem mal: mas é a vós que compete o ostentar as virtudes a que se tomou o hábito de chamar cristãs; são eles os paladinos da aristocracia: sede vós os nobres no vosso espírito, – nos pensamentos e nas ações. (...) O que eu vos peço, porém, não é somente que sejais estóicos; não é somente o aperfeiçoamento próprio: mas que metais o dorso a uma maior empresa – muito maior, – que é a regeneração de Portugal”.

7 *Idem*. *Um problema Anteriano* (Sobre a Ideia e a Realidade do Desprendimento Ativo na Peregrinação Moral do Autor dos *Sonetos*). [1943]. In: _____. *Notas Sobre Antero, Cartas de Problemática e Outros Textos Filosóficos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001, p. 275.

8 *Idem*. *Autobiografia inédita de Antônio Sérgio*. Livre D’Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau, Genève, 1915. Recuperado por Daniel Hameline e Antônio Nóvoa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 20, fevereiro de 1990, p. 11: “Religion: aréligieux”; *Idem*, *Correspondência para Raul Proença*, p. 87: “Eu sou [?] a-religioso, mas venero a religião”.

9 *Idem*. *Sobre o odioso «eu»*. *Seara Nova – Semanário de Doutrina e Crítica*. Lisboa, n.º 588, 19 de novembro de 1938, p. 124: “Devo declarar que *nunca* fui católico: nem na adolescência, nem na meninice. Desde muito cedo se revelou em mim a forma de mentalidade que me caracteriza. Por índole própria, por inclinação espontânea, resisti à instrução cultural e dogmática. Placidamente, indiferentemente, sem impulsão nem revolta. Tenho, sem dúvida alguma, uma sensibilidade mística e romântica; com isso, porém, um cérebro implacavelmente racionalista, sequioso de clareza e de demonstrações”.

propósitos sociais e éticos:

Ser idealista neste sentido (isto é: acreditar que tudo que é realmente um bem se reduz em suma ao que é um bem *do espírito*) redonda no respeito da individualidade alheia: por isso que o espírito se [nos] manifesta sempre na forma de uma consciência individual. Afirmando que Deus quis morrer numa Cruz para salvar a alma de cada um de nós («verti tal gota de sangue por ti», diz Cristo ao pecador numa página célebre), a religião cristã proclamou ao mundo o valor incomparável de cada alma humana, e afirmou que o essencial da tragédia cósmica se reduz a um ato de libertação¹⁰; O Cristianismo propôs-se a libertação do homem, subordinando tudo à salvação das almas, – incluso o Estado e os seus organismos¹¹.

Mas a base do cristianismo, segundo Sérgio, não era apenas a moral, era também a racionalidade e a democracia “A democracia, afinal, é a tradução política do Evangelho”¹², tal como demonstra num artigo escrito na *Seara Nova*, a 13 de maio de 1937, intitulado *Em Torno da Expressão «Civilização Cristã»*¹³ e depois na conferência *Perante a Inexistência de uma Civilização Cristã (Depoimentos de Antero de Quental e Antônio Vieira)*¹⁴ proferida no Clube Fenianos Portuenses, no dia 5 de fevereiro de 1948. Antes disso, contudo, o ensaísta já havia explicitado não só que o mal “das democracias latinas, é que não foram racionalistas, como logicamente deviam ser”¹⁵, como também que “tudo deve vir *depois* da moral, – *tudo*: «todas as outras coisas vos serão acrescentadas»: a política, e tudo mais. *Morale d’abord*. Política *depois*. Mas não só isso: todas as outras coisas nos deverão vir *acrescentadas*. Isto é: que não só tudo deverá vir depois, senão que tudo isso que virá depois – deverá vir depois *como simples efeito*, como consequência, como acréscito, – da pura realização da lei moral. Seguir a moral na maior plenitude, e nada mais”¹⁶. No fundo, construir uma sociedade, direcionando-a no sentido da

10 *Idem*. *Considerações sobre o Problema da Cultura*. [1928]. In: _____. *Ensaaios*. Tomo III. 2.^a ed. Edição crítica de Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980, p. 39.

11 *Ibidem*, p. 42-43.

12 *Idem*. Diálogos de Democracia Democrática. In:_____, *Democracia. Diálogos de Doutrina Democrática. Alocução aos Socialistas. Cartas do Terceiro Homem*. Edição crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1974, p. 7.

13 Vf. *Idem*. Em torno da expressão “Civilização Cristã”. *Seara Nova* – Semanário de Doutrina e Crítica. Lisboa, n.º 509, 13/05/1937, pp. 83-85 (reeditado com algumas alterações em *Idem*. *Ensaaios*. Tomo VI. 3.^a ed. Edição crítica de Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980, pp. 192-196).

14 Vf. *Idem*. Perante a Inexistência de uma Civilização Cristã (Depoimentos de Antero de Quental e Antônio Vieira). In: _____. *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, pp. 287-310.

15 *Idem*. *Explicações ao Ex.^{mo} Sr. Professor Martinho Nobre de Melo sobre as Doutrinas Morais dos meus Ensaaios*. Conclusão. *Seara Nova* – Semanário de Doutrina e Crítica. Lisboa, n.º 50, 1 de agosto de 1925, p. 36.

16 *Idem*. Idealismo e Realismo. “Morale d’abord” e “Politique d’abord”. *Seara Nova* – Semanário de Doutrina e Crítica. Lisboa, n.º 163, 30 de maio de 1929, p. 300.

Democracia, é tarefa para todos os *homens de boa vontade* e acima de tudo para aqueles que têm que assumir e protagonizar uma *governança excepcional*, democraticamente excepcional. Tal governança terá como prioridade a justiça social e visará a “elevação dos homens pobres”¹⁷ e, nesse sentido, enquanto regime político associa-se ao cristianismo. Mas ao cristianismo de índole primitiva e não àquele que durante séculos inverteu os propósitos de Cristo. A bem da verdade, garante Sérgio, a civilização cristã nunca existiu, ela precisa de ser criada urgentemente: “Só merece o nome de *civilização cristã*, aquela que ministre um condicionamento social que permita a prática dos ditames do Cristo”¹⁸.

Partindo desta análise, crê Sérgio que os princípios que, durante séculos, têm orientado tal Civilização Cristã são, ao fim e ao cabo, anticristãos, já que contrariam os preceitos evangélicos, visam apenas o *lucro* e descumram as relações fraternais. Deste modo, a verdadeira Civilização Cristã só será plenamente implementada se houver uma mudança comportamental de natureza socioeconômica. Ou seja, é necessário que se cumpra uma das principais prédicas de Jesus Cristo: “Abundância para toda a gente”¹⁹. Para que tal ensinamento passe a ser exercido, é preciso que a ideia de lucro (que foi sendo desencadeada pelo processo de competição) seja afastada dos propósitos governamentais das sociedades. Até porque uma ideia dessa natureza é incompatível com a vivência de uma Civilização Cristã. Ser-se cristão é, pois, ser-se socialista, racionalista e defender ideais de cooperativismo e de amor ao próximo. Nesta perspectiva, insurgir-se a favor da instauração da verdadeira Civilização Cristã é a mesma coisa do que combater pela edificação da sociedade racional.

Em síntese, poder-se-á dizer que os imperativos morais que regem tanto os cristãos sinceros como os racionalistas verdadeiros são idênticos e que a noção de Democracia que Antônio Sérgio equaciona é de natureza ideal, uma vez que assenta no primado da Razão e do Espírito. Em todo caso, e por mais que o autor se defina como antimaterialista, não cremos que preconize uma democracia dissociada do bem-estar material. Afinal, o seu grande escopo é a melhoria da vida social, econômica e cultural das pessoas, por meio do estabelecimento do cooperativismo. Numa palavra, “a doutrina democrática é a que nasceu segundo o espírito; perseguem-na os que nasceram segundo a carne”²⁰.

Onde o pensamento de Antônio Sérgio mais se cruza com o do Raul Proença é precisamente

17 *Idem*. *Diálogos de Democracia Democrática*, p. 11.

18 *Idem*. *Em torno da expressão “Civilização Cristã”*, p. 84 (*Ensaio*, Tomo VI, p. 194).

19 *Ibidem*, p. 85 (p. 195).

20 *Idem*. *Diálogos de Democracia Democrática*, p. 81.

na apologia de uma ética racionalista que se sustenta no democratismo e no estoicismo. São disso exemplo as ideias propostas no artigo “A Coerência”. Nesse texto, publicado a 21 de abril de 1910, no periódico *Alma Nacional*, Raul Proença defende que a vida deve ser apreendida como um ato de vontade e de raciocínio, como uma empreitada pensada e refletida, na qual os valores seguidos e adotados devem ser reexaminados constantemente:

Não adotes sem exame as noções comuns; pelo contrário: pensa de novo o que foi pensado ou impensado antes de ti; mede as noções de família, de pátria, de caridade, de liberdade, de tolerância, de coragem, com uma curiosidade séria de observador e um cuidado beneditino de analista; disseca tudo, comete todos os sacrilégios, sê o iconoclasta combatido, contanto que ponhas de acordo a tua Vida com a tua Razão²¹.

O guia moral dos homens é, pois, a racionalidade – “Só é livre quem deixa falar a Razão”²². De todo modo, a moralidade não é para Proença um imperativo universal, depende, ao invés, das consciências individuais. São estas que devem criar para si o *seu meio moral*, consoante a sua vida, a sua contextuação, o seu presente (o seu *eu de agora*). Só dessa forma, o homem estará voltado para a *ideia nova* e para a *Verdade*, bem como só assim será coerente consigo próprio e com os outros que o rodeiam. Se não agir seguindo esses preceitos e for incoerente, *assassinará o seu eu*: “Pensarmos uma coisa e dizermos ou fazermos outra, é confessarmo-nos escravos, é reconhecermos que não podemos exercer a soberania da nossa razão e tememos que o gesto do outro nos fulmine ou a palavra do outro nos desbarate. Atiremos, no gesto criador, o que dentro de nós se gera e cria. Façamos a profissão da nossa crença; entronizemo-la pela palavra – façamo-la rainha. Falar a verdade é pôr o nosso *eu* fora de nós, é proclamar o direito que o nosso pensamento tem de existir, não só como energia latente e secreta, mas como força real e declarada”²³.

Na esteira de Friedrich Nietzsche, embora não desvalorize o sentido da racionalidade tal como o faz o filósofo alemão, Raul Proença está convicto de que em nome de uma falsa noção de coerência, de uma confusa acepção axiológica, tem o homem praticado enormes violações contra a sua individualidade e contra a sua dignidade própria. Afinal, é quando, num *esforço imbecil*, faz concordar o seu presente com o seu passado, não tendo coragem de admitir que porventura procedeu mal, que o homem revela as suas maiores fraquezas e comete as maiores amoralidades. Essa *necessidade patológica de unidade*, levá-lo-á, no fim de contas, a viver uma “vida

21 PROENÇA, Raul. A Coerência. *Alma Nacional*. Lisboa, n.º 11, 21 de abril de 1910, p. 174.

22 *Ibidem*, p. 174.

23 *Ibidem*, p. 175.

insignificante, estreita, lastimosa, sem *relâmpagos*, sem alargamentos da visão interior”²⁴. Desse modo, o ciclo só será invertido se houver coragem para renunciar e renegar o que não está conforme o ideal do indivíduo: “Sim! Toda a coragem está em *renunciar*, toda a beleza está em *renegar* tudo o que em nós não foi digno do nosso ideal”²⁵. Nietzscheiramente, Proença chegará até a desabar: “Eu prefiro cinco minutos de vida intensa, cinco exaltados minutos de conversão radiosa a essas vidas inteiras de chatezas mesquinhas, de honestidades estreitas e de probidades míopes”²⁶.

O desenvolvimento moral do homem, o esforço de perfeição, está pois relacionado com o bom uso da Razão (com a liberdade de consciência)²⁷, com a capacidade real de discernimento, com o exame apurado do nosso ser e dos nossos atos. Afinal, segundo escreve Raul Proença “atacar um homem pelo que ele foi é ou um disparate, ou uma malvadez. Ser-se hoje diferente do que se foi ontem não humilha ninguém; agora ter a certeza do que o amanhã nos há-de encontrar com tanta servidão, com tanta baixeza como o dia de hoje é que é uma enorme humilhação”²⁸.

3. Considerações finais

Apesar dos pensamentos de Sérgio e Proença partilharem o mesmo cariz racionalista, apesar de ambos considerarem o imperativo ético (ainda que um o defenda num sentido despersonalista e o outro num sentido personalista), apesar de serem amigos tão próximos (sobretudo entre as décadas de 10 a 40 do século XX), a verdade é que os dois filósofos portugueses divergiam sobre variadíssimas matérias²⁹. Uma delas, e talvez a mais importante, era a dicotômica questão Monarquismo / Republicanismo. Por mais que Sérgio tivesse afirmado, em diferentes ocasiões, que Proença não compreendia o seu raciocínio acerca da ideologia monárquica e que não fazia um

24 *Ibidem*, p. 176.

25 *Ibidem*, p. 176.

26 *Ibidem*, p. 176.

27 *Idem*. A Tolerância. *Alma Nacional*. Lisboa, n.º 12, 28 de abril de 1910, p. 190: “A liberdade de consciência é o dom da humanidade”.

28 *Idem*. *A Coerência*, p. 176.

29 Neste ponto, concordamos com António Reis quando afirma: “As relações de amizade e de companheirismo de Sérgio e Proença, a intensa admiração mútua que os uniu e a comum participação no ambicioso projeto do Grupo Seara Nova de uma revolução espiritual das mentalidades dirigida por uma elite intelectual, têm levado a subestimar as significativas diferenças que os separavam nos planos da filosofia política e até da própria estratégia de superação da crise do sistema liberal-republicano. (...) Ambos comungam desde então em idêntica doutrina sobre o papel de renovadas elites intelectuais na criação de uma opinião pública liberta dos vícios mentais – intelectuais e morais – das elites dominantes e, por isso, capaz de impor aos políticos as necessárias reformas estruturais de que a sociedade portuguesa carecia. Divergem, porém, na avaliação que fazem dos primeiros anos do regime republicano e da própria importância da questão da natureza do regime” (REIS, António. António Sérgio e Raul Proença: Tão próximos e tão distantes. In: AA.VV. *António Sérgio: Pensamento e Ação*. Vol. I. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 177 e 179).

esforço para entender que, no presente, estavam ambos no mesmo barco político³⁰, o certo é que Proença não se esquecia de que, no passado, tinham defendido ideais opostos (enquanto ele sempre fora um fervoroso republicano, o seu amigo era um aristocrata defensor da monarquia). Ainda assim, desde sempre os uniu a vontade democrática, o fervor filosófico e o método racionalista.

Referências:

PROENÇA, Raul. A Coerência. *Alma Nacional*. Lisboa, n.11, 21 de abril de 1910

_____. A Tolerância. *Alma Nacional*. Lisboa, n.12, 28 de abril de 1910

_____. *Polêmicas*. Organização, prefácio e cronologia de Daniel Pires. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988

REIS, Antônio. Antônio Sérgio e Raul Proença: Tão próximos e tão distantes. In: AA.VV. *Antônio Sérgio: Pensamento e Ação*. v. I. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004

SÉRGIO, Antônio. *Autobiografia inédita de Antônio Sérgio*. Livre D'Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau, Genève, 1915. Recuperado por Daniel Hameline e Antônio Nóvoa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 20, fevereiro de 1990

_____. Cartas Leves sobre Temas Graves – Aos Jovens “Seareiros” de Coimbra, Sobre a Maneira de Lidar com os Inimigos da Luz e da Razão. *Seara Nova – Semanário de Doutrina e Crítica*. Lisboa, ano V, n. 87, 13 de maio de 1926

_____. *Considerações sobre o Problema da Cultura*. [1928]. In: _____. *Ensaaios*. Tomo III. 2. ed. Edição crítica de Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980

_____. *Correspondência para Raul Proença*. Organização e introdução de José Carlos Gonzalez. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional, 1987

_____. Diálogos de Democracia Democrática. In:_____, *Democracia. Diálogos de Doutrina Democrática. Alocução aos Socialistas. Cartas do Terceiro Homem*. Edição crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1974

_____. Em torno da expressão “Civilização Cristã”. *Seara Nova – Semanário de Doutrina e Crítica*. Lisboa, n. 509, 13/05/1937 (reeditado com algumas alterações em Idem. *Ensaaios*. Tomo VI. 3. ed. Edição crítica de Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980)

_____. *Explicações ao Ex.^{mo} Sr. Professor Martinho Nobre de Melo sobre as Doutrinas Morais dos meus Ensaaios*. Conclusão. *Seara Nova – Semanário de Doutrina e Crítica*. Lisboa, n. 50, 1 de agosto de 1925

30 SÉRGIO, Antônio, *Correspondência para Raul Proença*, p. 41: “Creio que o meu amigo teve razões aceitáveis para estar de um certo lado, e eu razões aceitáveis para estar do lado oposto, antes do 5 de outubro. Hoje não há divergências entre nós quanto à forma de governo”.

_____. Idealismo e Realismo. “Morale d’abord” e “Politique d’abord”. *Seara Nova* – Semanário de Doutrina e Crítica. Lisboa, n. 163, 30 de maio de 1929

_____. Perante a Inexistência de uma Civilização Cristã (Depoimentos de Antero de Quental e Antônio Vieira). In: _____. *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001

_____. *Um problema Anteriano* (Sobre a Ideia e a Realidade do Desprendimento Activo na Peregrinação Moral do Autor dos *Sonetos*). [1943]. In: _____. *Notas Sobre Antero, Cartas de Problemática e Outros Textos Filosóficos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001

_____. *Sobre o odioso «eu»*. *Seara Nova* – Semanário de Doutrina e Crítica. Lisboa, n. 588, 19 de novembro de 1938

The rationalist ethics of Antonio Sérgio and Raul Proença

Abstract: *The rationalist ethics of Antonio Sérgio and Raul Proença* is a study which focus on understanding the purpose of ethical rule that both philosophers claim in their works. Even if the rationalist and democratic affinity, each one defends a different way. Antonio Sérgio considers the stoicism, the Christianity, and refuses the personalism while Raul Proença prizes the personalistic theory and the Nietzsche’s percepts about ethics and morality. After all, this study aims to discuss the ethical substratum of their social and political theories.

Keywords: Antonio Sérgio; Raul Proença; Rationalism; Ethics; Democracy.

Data de registro: 31/05/2013

Data de aceite: 23/08/2013